

CONTO

MODO DE USAR. *Ultimamente, ao passear por alguns dos meus contos inéditos, veio-me o desejo de fazê-los acompanhar, no sentido em que alguém faz companhia a alguém de uma abreviada chaperonagem de autor, que, não por acaso, intitulo ao alto a partir de uma analogia extraída da medicina, contendo indicações de uso para algum possível fármaco, para que nenhum mal e todo o bem produza. O presente conto foi assim escolhido dentre vários, assinados pelo mesmo nome.*

Elegi-o por uma certa, embora relativa circunstancialidade dos temas constelados, circunstancialidade dos temas relativizada pelo trancamento dos mesmos. Ou seja, uma infância à procura de álibis para seguir uma vocação e exercitar o seu sexo, questões das quais a protagonista ainda não se poderia ocupar, por estar intensamente devotada a crescer e a viver. Mas nunca é cedo demais. Por ação do espírito, seja através da mãe ou dos que a apressam. Charlienne é aquela que precocemente, ainda na infância, já cristalizou toda uma ética com que irá duelar com a história. Em síntese, um novo conto sobre um velho tema, cujo outro nome, nem tão secreto assim, poderia ser: Retrato do artista enquanto menina(JG).

AS TRANÇAS DE CHARLIENNE

Judith GROSSMANN¹

*Come chocolates, pequena;
Come chocolates!*

Fernando Pessoa(Álvaro de Campos)

Pesavam-lhe demais as tranças, não poderia contrariar o pai. Ele a queria penteada, precisava ter cabelos não-cortados, cada vez mais compridos. Seria isso? Ele reclamava da mãe, andava despenteada em casa, diferente da irmã dele, sua tia. Questão de ponto de vista, para ela, a mãe tinha cabelos livres encapelados como o mar, negros como escuras madeiras e o vôo de certas aves.

Como filha não contestava, in-dócil, guardava-se. Quando estava sozinha com a mãe, gostava, quando estava sozinha com o pai, gostava,

¹Instituto de Letras — Universidade Federal da Bahia — Salvador.

quando estavam os três juntos, desfazia-se numa nuvem entre dourada e rosa, amarela e branca. Eles discutiam e ela entrava-se em função diplomática, tinha aliás um grande jeito, inato e cultivado, de quando ficava entre os dois. Também gostava de ficar sozinha em casa, viajava muito e tinha um bocado de companhia.

Bom era estar naquele quarto com a mãe. Era o quarto diferente da casa. Não era o quarto de dormir, não era a sala de jantar, não era a copa ou qualquer outro. Era o quarto de nada. Aproximadamente e mal seria uma espécie de alcova de leitura. Alcova, al-cobba, repetia, colecionava como pepitas de ouro palavras do árabe. A mãe estudara, sabia e lhe passava como alimenta alguém um cavalo. Alambique, açúcar, atafona... eram chaves para as mil e uma noites. O esconderijo teria uns dezesseis metros quadrados e como mobiliário uma cadeira de balanço onde se sentava a mãe, um banquinho de trinta e três centímetros de altura, medira-o com a fita métrica, onde se sentava ao seu pé, um divã de couro verde de cabeceira regulável, uma escrivaninha com cadeira e um armário de livros com belas portas de vidro transparente, nas quais se refletiam, pela janela aberta, como enormes florestas, as imagens em movimento das árvores do terreno em torno da casa, marcando pelas mutantes colorações a passagem do tempo. Já compreendera que viveria com tais lembranças, uma árvore é uma árvore, antes e depois da palavra árvore.

A mãe, mal terminava aquilo que o pai e ela julgavam as ordens da casa, refugiava-se no quarto e na cadeira de balanço para ler os seus livros de sempre, relia-os sem parar, mostrando-se cada vez mais encantada. Ela então se introduzia, sentava-se no banquinho e esperava até que a mãe deixasse tombar o volume e sorrisse aquele sorriso de entendimento com que pontuava suas leituras. Então valera a pena esperar, a mãe lhe dava atenção e conversavam as duas, como nas diversas aulas de línguas estrangeiras que tomava, somente que era numa linguagem sua muito conhecida e a mesma, que lhe parecia sempre renovada. “Mãe, por que me chamo Charlienne?” Já sabia a resposta, sorria cativa. Seu pai me mandou escolher, então escolhi, em homenagem ao Barão de Charlus, um homem que não era nem homem nem mulher e por isso as mulheres adoravam, se não era homem, não precisavam odiá-lo, se não era mulher, também não precisavam. O bom era porque a história tinha uma continuação sem fim, garantida pelo nome completo, Charlienne Ella Andreaz Fontanez.

Aí a mãe fazia aquele gesto cadenciado de lhe movimentar uma das tranças, em pura cumplicidade. Ella é porque você é uma ela e jamais poderá deixar de ser... Então riam as duas, tudo o que a mãe dizia parecia-lhe de uma lógica in-superável. Andreaz, você conhece a origem da mãe, e Fontanez, você também conhece a genealogia do pai. Você esteve perto de se chamar Marcelle, um nome portemanteau, Marcelle e Elle, que é o seu outro nome, o seu nome secreto. Todos nós temos. Marcelle Salomé Andreaz Fontanez. “E o seu, mãe?” Lúçifer vibrou como as cordas abafadas e suntuosas de um piano. A mãe nem sorriu. Que mais poderia haver? Conte, pedia. Outro dia eu conto. A mãe era a senhora do quarto, começava a pintar aquelas líqüidas aquarelas e deixava-a rearrumar os livros no armário, com aquele cheirinho bom e aquelas lindas lombadas, nos quais estavam escritos os nomes das firmas, assim as chamava, Faber & Faber, Shakespeare & Co., Gallimard, Grasset, Bertrand, Melhoramentos, José Olympio, Francisco Alves, W. M. Jackson Inc., Lello & Irmão, etc. Sentia que nunca escreveria livros e mesmo que os escrevesse, apenas para que a mãe se alegrasse, seria como se não os escrevesse, conversar com a mãe já era um livro inteiro. O mundo nunca lhe escrevera e ela não escreveria ao mundo.

Com o pai era um diverso tipo de paraíso, não o da tranqüilidade com a mãe, mas o das mutações. A conversa era sempre séria, que progressos fazia no colégio e nas aulas de línguas, as coisas de que estava precisando, e então, a mãe ficando em casa, levava-a à cidade, para comprar suas roupas e tudo mais na Rua do Ouvidor, os livros na Livraria Francisco Alves, os cadernos na Papelaria União, e antes do acúmulo de pacotes, já haveriam lanchado na Confeitaria Colombo: “dirija os trabalhos, niña.”

Entre o imaginário da mãe e as metas do pai, Charlienne navegava com suas aulas de línguas e suas tranças cada vez mais compridas. As tranças, pela abundância dos cabelos, domados pelo pai, eram como troncos de árvores gigantescas de uma floresta tropical. Tinha a ajuda da ama, chamava-a de Bá, para cuidar dos cabelos, lavá-los e secá-los uma vez por semana, penteá-los e entaçá-los uma ou duas vezes ao dia, a cada saída. Então agradecia ao chuveiro, por dar-lhe água fria, temperada, morna ou quente, segundo as estações do ano. Embora não vigiasse o barômetro, tinha um prazer especial em ouvir os boletins meteorológicos pelo rádio, sempre ilógicos, na maioria dos casos.

Enquanto a ama lhe tecia os cabelos, uma fita na ponta de cada trança, também conversavam. Sabe, Bá, é bem estranho ser alguém um eu, é o mais estranho. Sorria a Bá de compreensão. Você, por exemplo, é um outro, assim fica fácil, inexistente, mas ser um eu, isto existe demais. A Bá lhe contava que os xifópagos haviam morrido da operação de quinze horas. Ela respondia que a operação havia dado certo, porque eles morreram. A Bá não suportava mais e a reprimendava, com severidade entre russa e espanhola, ainda está em tempo, florzinha que se cheire, de você fazer as pazes com a vida.

Quando houve no colégio a epidemia de piolhos, eriçou-se entre pânico e delícia, seria a oportunidade de cortar os cabelos.

Não teve sorte, tudo continuou como antes. A mãe lia, o pai trabalhava no seu escritório na cidade, eles não se entendiam, ela entendia os dois. Também colecionava palavras, escrepever, escrevaninha, escrevedor, escrevedura, escrevente, escrever, escrevinhadeiro, escrevinhador, escrevinhadura, escrevinhante, escrevinhar, escrevinhice, escriba, escrita, escrito, escritor, escritora, escritoreco, escritorinho, escritório, escritura, escrituração, escritural, escriturar, escriturário, escriturístico, escritvã, escritvania, escritvaninha, escritvão, ai, era tão comprido quanto suas tranças e todas as autoras e plenilúnios e vários in-fi-ni-tos-in-if-in, aí a mãe mandava parar aquela falação para que não perdesse o fôlego e fosse reorganizar os livros enquanto ela lia e o pai não vinha para o jantar. O armário de livros era espécie de templo-altar, Tchekhov, ao que tudo indicava, o predileto da mãe, Pushkin, Gogol, Dostoievski, Lermontov, Turgueniev, Milton, Shakespeare, Proust, o Lello Ilustrado, o Tesouro da Juventude, Grimm, Andersen, Perrault, La Fontaine, as obras completas de Machado de Assis etc., e enquanto ouviam notícias que rapidamente envelheciam pelo rádio Westinghouse, o rádio que ligado desligava suas vozes interiores, sobre a substituição de ministros, técnicos de futebol ou qualquer ditador, a mãe dava um sorriso misterioso e dizia... Tchekhov é o único que eles jamais poderão substituir. Então pensava que não tinha outro jeito, um dia teria de escrever até melhor do que Tchekhov, apenas para roubar o coração da mãe. Mas a mãe parecia já gostar tanto dela quanto de Tchekhov, porque a Bá lhe contava que ela lia em voz alta e em segredo suas composições na sala para as visitas, quando ela não estava em casa. A mãe ia completando suas lições. “Bem dyévushka, se você quiser

agradar-me mesmo, vai ter de juntar duas sensibilidades, a de Machado e a de Tchekhov. Machado é na verdade um escritor russo, um feiticeiro-bruxo da alma humana, depois dele, para continuar, só misturando-o com a empatia de Tchekhov”. “Posso tentar”. “Shakespeare também é um escritor russo, no final somente existe isso, todos são escritores russos”. “conte um pouco de Dostoievski”. “Sabe que o Czar lia Dostoievski para tomar conhecimento do que se passava na Rússia? Dostoievski é como todo russo, sofrendo o degredo e o triunfo”. Havia então o recreio, quando, para mudar de assunto, brincavam de palavras, a mãe dizia, cetim, ela dizia, flama, e assim prosseguiam viagem, evitando com perícia correntezas e calmarias.

Ela, que confundia com Ella. Ella era feliz?, perguntava-se. Não sabia ao certo. Irmãos não tinha e mesmo que os tivesse tinha certeza de que fingiria que não os tinha, e primogênita já era, prosseguiria sendo, não daria sopa, batatas, lentilhas. No futuro não gostava de pensar, sentia uma coisa apertando no peito e que não tinha futuro, tinha um presente, feito de pai, mãe, Bá, aulas de línguas, patins, a bicicleta que comprara com o pai na Rua da Alfândega, mundo de sons árabes que gostava de palmilhar, pilhas de dicionários que lia como a mãe lia seus livros, e nomes, que era do que ela mais gostava, nomes de lugares, bairros, ruas, edifícios, Rio de Janeiro, cidade onde nascera e de onde, por ela, nunca sairia, Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo, São Lourenço, Araxá, Poços de Caldas, Arcos, Santa Tereza, Largo da Carioca, Rua Santa Luzia, Praça Tiradentes, Águas Férreas, Cosme Velho, Laranjeiras, Largo do Machado, Esplanada do Castelo, São Cristóvão, Glória, Cinelândia, Teatro Municipal, Biblioteca Nacional, Rua Marquês de Olinda, Botafogo, mas receava dizer à mãe que lia às vezes o seu feiticeiro-bruxo sobretudo porque ele absorvera sua cidade, sua dele e sua dela, colocando os nomes de seus lugares em convenientes caixilhos, gostava de nomes de tudo, nomes de pessoas, homens, mulheres, crianças, Charlienne, ela, Ella, não seria Ella o que restara do Rio e Machado?

E filhos também não queria ter. Já lhe bastava ser filha, não queria nenhum. Mas se por acaso viesse a ter algum, onde acharia a aceitação que tanto apreciava? Iria discutir com o filho, como o pai com a mãe? Ou a negaria ele próprio, interrogando-a, você é que é minha mãe? Viviam destes sustos e de várias outras invenções. Do armário de guardados havia reativado muitas coisas que lá estavam sem uso, na

tentativa de tornar leves como plumas as grandes malas de navio trazidas pelos avós do outro lado do oceano, levava os livros para a escola na sacola de algodão recoberta de miçangas, e das enormes toalhas de rosto retangulares bordadas nas margens com toda sorte de fios e de ornatos, pedira à ama que confeccionasse um colete, que usava sobreposto a todas as roupas e que era a sua mais estimada peça de vestuário. O resto iria recuperando aos poucos, a mãe não tinha imaginação para isso, sua imaginação ia somente até as leituras. Mas ela queria construir coisas, coisas como coletes, coisas como composições, coisas como sacolas. A caminho do colégio, com as miçangas, os brocados, as tranças, a bicicleta, estava como rodeada por um círculo in-vulnerável, infensa ao mal?

Não seria dessas que sofreriam as dores do parto, mas zombava por dentro de uma pureza que sabia não possuir. Por exemplo, o pai recomendava que não comesse porcarias, coisas que não eram para ela, que levasse merenda de casa e nada comprasse na cantina do colégio. Eram venenos, dizia. Resolveu então, sem qualquer desejo, provar das empadinhas para sentir náusea, que já sentia antes ao olhá-las. Queria esta experiência do vômito, que lhe subia num rubor pouco virginal às faces. Olhou-se então no espelho do banheiro coletivo do colégio e percebeu, após as golfadas pós-empadinhas, que sendo já uma moça aos onze anos nem se poderia dizer que fosse ainda uma virgem. Era um mundo só seu, conferido pelo pai, insondável como o herbário submarino de suas tranças. Num esclaro, compreendeu como a vida estava intimamente ligada à putrefação, ‘ptomaína, ao vômito, ao inchaço, à proliferação – ao feminino? De tudo vinha um veneno rubro roubado das maçãs, que se entalava na garganta. Ah, ha, queria a liberdade dos seus cabelos curtos. Liberdade, liberdade. Era dada a estes e a outros rituais propiciatórios. Seu orgulho era desmedido e envolvia o mundo numa labareda de fogo. Nem o pai nem a mãe nem a Bá poderiam contê-lo. Corria como uma cabra para salvar a única pele que possuía, distanciando-se veloz da tumba onde Creonte enterrara Antígona. “Help me, God... Help me, Lucifer...”, dizia diante do espelho. Haveria de estudar Letras e falar todas as línguas dos homens como ele. Muitas vezes, quando não queria interromper os deveres ou a leitura dos dicionários, onde tudo já estava lá como no universo do pai, e nada precisava ser inventado, pedia à ama que lhe trouxesse chocolates para envenenar-se ainda mais com um dos venenos prescritos e proscritos pelo pai.

Para completar o processo, seu projeto maior era o de cortar os cabelos de fato, como arranca alguém um fruto da árvore. Entraria destemida no barbeiro do pai e com uma palavra resolveria tudo. Corte. A tia bem penteada, a quem começavam a rarear os cabelos, lhe pedia, quando cortar, quero as tranças para mandar fazer um chinó. Era um problema a mais a resolver. Não gostava que lhe pedissem coisas, preferindo tomar a iniciativa de dar. Sentia que não poderia fazer o gesto esperado pela tia. Embora não soubesse o destino que daria aos seus cabelos. Talvez guardasse numa caixa entre os guardados do armário de guardados, na doce companhia dos avós.

No jardim, estava ela sentada um dia no banco de madeira pintada de branco, com os pés de ferro batido pintados de verde, lendo um livro dos da mãe, para estar perto dela, os pais em viagem, ela em aulas, deixaram-na com a Bá. Sim/não, não/sim, precisavam correr velozes os trilhos do tempo. O livro onde tudo já estava escrito ficou de lado. O cão em sua viveza canina, ao seu modo, a ela se aliançava. Imperativo era dar uso à recém-liberdade, do contrário começaria a suspeitar dela. Cedo demais devia testá-la. No final da tarde, desobedecendo ao toque de recolher da Bá, escapou para dar uma volta de bicicleta. Circulando várias vezes em torno da praça, era sempre mais escuro. “Ícaro, Ícaro”, repetia, “não me roube, não me roube”. A bicicleta voava, no impulso da partida. As árvores sombrias a chamavam. Entre terror e gozo, pentrou no parque. Não havia ninguém. Estava sozinha, ela e as árvores. Sentiu que mais de um a derrubava com violência da bicicleta. Perdeu a noção de por quanto tempo permaneceu desacordada. Quando começou a despertar, soube que alguma coisa lhe faltava na cabeça. As tranças haviam sido podadas. Fluidos da tia? Apalpou-se. Não estava o colete. Não viu a bicicleta. Permaneceu sentada, com as pernas ainda mais abertas, para o que quer que fosse a penetrasse mais fundo, envenenando-a de uma vez por todas, no contrariamento das ordens do pai. Seria aquela uma das mil maneiras de se dobrar uma mulher como se dobram as páginas de um livro? Uma chuva de nomes como fogos de artifício caiu-lhe sobre a cabeça, incinta, schwanger, enceinte, prenha, encinta, pregnant? Ora, deixaria que por si mesmos descobrissem, como um fenômeno outro, sem que jamais abrisse a boca. Também servem os que apenas esperam? Estava esperando.